

Crescendo Vitimização-Recomposição na Prática

Victimization-Recomposition Crescendo in Practice

Creciendo Victimización-Recomposición en la Práctica

Edi Paulo Dalbosco*

* Policial Civil Aposentado. Advogado. Piloto PPA. Graduado em Direito. Pós-graduado em Segurança Pública. Pesquisador da Conscienciologia.

edidalbosco20@gmail.com

Relato recebido em: 29.03.2022.

Aprovado para publicação em: 24.09.2022.

INTRODUÇÃO

Motivação. Há algum tempo, desde 1998, venho estudando Conscienciologia e Seriexologia, não chegando a escrever a respeito. Mas os episódios aqui relatados chamavam-me a atenção de que eram fatos importantes na grupocarmalidade e na recomposição, incentivando-me a estudo aprofundado.

Crescendo. De acordo com Fernandes (2021, p. 155), existe o período de “sísifo”, onde tudo dá para trás, vivenciado pela conscin no *crescendo vitimização-recomposição*.

Inseparabilidade. Vieira (1994, p. 626) aborda, na obra *700 Experimentos da Conscienciologia*, que no contexto da *Grupocarmologia*, os membros mais importantes em nossa evolução são nossos cúmplices de destino. Portanto, essas personalidades permanecem ligadas pela lei da inseparabilidade grupocármica.

Vidas. Por hipótese, os reencontros entre vítimas e algozes tendem a acontecer em vidas consecutivas. A recomposição de um homicídio levaria, em média, 750 anos para ser ressarcida (Vieira, 2014A, p. 1.102).

Como se sabe, é preciso ter cuidado: segundos de loucura podem acarretar séculos de recomposição, de acordo com os efeitos das interprisões grupocármicas. A qualquer instante, podemos nos deparar com pessoas ainda sacando contra a Cosmoética. Por exemplo, o embaixador da Baratrofera, o representante oficial da *Tenebrologia*, o ditador tirano despudorado e genocida, o politicastro corrupto *cara de pau* ou o megarresponsável pela Interprisologia. Em todos esses contingenciamentos, podem incidir os agravantes e os atenuantes. Desse modo, se constatarem as sutilezas e evidências nos **fatos evolutivos** (Vieira, 2014, p. 914).

Curso grupocármico. Tecnicamente para a conscin sair do estágio 1 (interprisão), passar pela vitimização, recomposição e chegar no 4 (libertação), exigiria, no mínimo 7 séculos e meio de vidas intrafísicas e esforços, para ocorrer de fato a mudança do holopense pessoal dentro do holopense grupocármico mais íntimo (Vieira, 1994, p. 626).

Justificativa. Vários temas de pesquisa na Conscienciologia são instigantes, mas pessoalmente existe um questionamento recorrente, de foro íntimo, ilustrado pela seguinte pergunta: *Como superar ou como lidar com os fatos grupocármicos recompositivos acachapantes e superar, passando para um patamar superior na escala evolutiva das consciências?*

Pesquisa. O presente estudo visa pontuar, pela autoexperiência, quais os níveis alcançados no curso grupocármico (interprisão-vitimização-recomposição-libertação-policarmalidade) dos diferentes membros do grupocarma. No entanto, esta análise considera o aprofundamento em determinada ocorrência marcante para este autor.

Metodologia. Para escrever este texto foram considerados os registros pessoais contendo vivências do autor, a análise de relato retrocognitivo do irmão, bem como a pesquisa em diversas fontes bibliográficas.

Estrutura. O texto está estruturado em 6 seções: I. Os fatos grupocármicos registrados; II. Os documentos e reportagens da época; III. Relato do irmão e as relações grupocármicas; IV. Vitimizações observadas na Família; V. Possíveis evidências dos cúmplices de destino; VI. Análise dos fatos grupocármicos. Em sequência, são apresentadas as considerações finais.

I. OS FATOS GRUPOCÁRMICOS REGISTRADOS

Contextualização. O presente relato avalia o início de resolução interprisional envolvendo uma parcela do grupocarma consanguíneo. Para explicitar a ocorrência, primeiramente, apresento o contexto abordando o holopensene desse grupo do qual faço parte.

Italianos. No ano de 1878, iniciou-se a imigração de italianos, vindos da Itália, para o nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Meu bisavô, Giovanni Dal Bosco (06.04.1860–18.10.1905), italiano de Schio-IT, já casado com Emília Lorenzi, estabeleceu-se em Caxias do Sul (antiga Santa Tereza, pertencente ao município de São Sebastião do Caí), nas proximidades, no local denominado Quinta Léguas.

Profissão. Seguindo a profissão do seu pai, Santo Dal Bosco (final do Século XVIII), já exercida na Itália, dedicou-se à construção civil (maçom de ofício). Entre as obras, consta a construção de uma casa de comércio, na Avenida Júlio de Castilhos, posteriormente, o primeiro Hospital, denominado Hospital Carbone, e a Catedral Santa Tereza, em Caxias do Sul.

Colônias. Com incentivo do governo, foram criadas empresas de loteamento de terras em outros municípios brasileiros. Os imigrantes italianos e seus descendentes passaram a adquirir novos lotes. Assim também o fez Giovanni Dal Bosco, com suas economias. Os filhos de Giovanni e Emília dividiram as propriedades e foram tomar posse nos diferentes lugares.

Dessoma. Em 1905, Giovanni, já com 8 filhos, passou por infortúnios, como por exemplo, a dessoma de sua filha, com oito anos de idade e, em seguida, a sua, devido a um acidente de trabalho, foi vitimado pelo tétano. Na sequência, também veio a dessomar Emília Lorenzi (1859–28.03.1912), devido a uma depressão profunda.

Partilha. Meu avô, Ermenegildo (27.08.1893–24.07.1975), em 1910 tomou posse de sua partilha nas novas colônias na localidade de Marquês do Herval (hoje Barra do Ouro), interior do município de Osório-RS.

Ressomas. Ermenegildo constituiu família. Da união resultou a prole de oito filhos. Entre eles, meu pai. Entre idas e vindas para outros locais, meu pai constituiu família, retornando a viver junto às propriedades de seus pais, resultando, também em oito filhos.

Desavenças. No vilarejo e arredores, na sua maioria, eram famílias de descendentes italianos. Entre elas, uma que pertencia a cultura dos poloneses que não era simpatizante com a nossa e vice-versa. Uma antipatia gratuita que marcou minha memória, mas anos passaram desde esse contato inicial, cada um dos meus irmãos seguiu com as próprias escolhas profissionais e de locais de moradia diferenciados.

Mudança. No final da década de 70, eu e meu irmão mais velho resolvemos juntar os irmãos e os pais. Foi adquirido um terreno, na cidade de Caxias do Sul, e construída uma casa. Para nossa surpresa, um integrante daquela família, por nós antipática, tinha adquirido um terreno ao lado e construiu sua morada. A convivência não era pacífica, principalmente com meu irmão mais velho, ocorrendo alguns desentendimentos.

Sítio. Meu irmão mais velho adquiriu um sítio, próximo a Caxias, no local denominado São Maximiliano. Esse sítio, localizado em uma recosta, com algumas cascatas, foi posteriormente vendido ao vizinho João (nome fictício). Naqueles dias, em meados de 1999, o filho adolescente desse vizinho e um amigo, com a mesma idade (15 anos), foram explorar as cascatas. Ocorreu a queda do amigo, em um penhasco. O filho adolescente ficou impossibilitado de voltar. João foi em socorro e caiu no penhasco de 80 metros, em queda livre. Isso aconteceu no anoitecer de um dia frio de inverno.

Socorro. Naquele dia, retornando à Caxias do Sul de carro, vislumbrei o sobrevoo de um urubu e pensei, como os antigos romanos: “alguma desgraça”. Ao chegar em casa, soube da notícia. Providenciei a chamada dos bombeiros. Eu e o meu irmão, deslocamo-nos até o local. Na ida, comentei com meu irmão: “vamos fazer o que estiver no nosso alcance e ficar na surdina, pois isto vai dar no que falar, principalmente pela imprensa”.

Bombeiros. Junto com os bombeiros e alpinistas profissionais, tratamos do socorro. Todos os contatos foram feitos com o meu celular. Reuniu-se uma pequena multidão, inclusive bombeiros voluntários, que mais atrapalhavam que auxiliavam. Pela manhã, com a ajuda de um helicóptero da polícia, foram resgatados.

Saldo. Dessa ocorrência restou um dessorado (adolescente de 15 anos), o vizinho João gravemente ferido e o filho sem nenhum arranhão. Fiz o contato com o Primeiro Distrito Policial de Caxias, área de competência, informando dos fatos e solicitando o “carro” do I.M.L.

Curiosidades. Apareceu um padre no local, querendo apropriar-se do cadáver do menino. Intervi dizendo: “Padre, o senhor cuida da alma, deixa que a polícia cuide do corpo”. A imprensa deu cobertura. Foi destaque em nível nacional. A TV (RBS) chegou a fazer a reconstituição do resgate. Como previsto, deixei que os bombeiros contassem seus méritos, permanecendo no anonimato. Apareço na capa dos jornais, ajudando a carregar a maca de uma das vítimas: “Agricultor auxilia no resgate”.

Recuperação. O vizinho João recuperou-se, inclusive com os cuidados médicos do meu irmão. O negócio da venda do sítio, não concluída por impossibilidade de pagamento, acabou por ser desfeita. Então, entro no negócio para acalmar os ânimos e compro a referida propriedade.

Agradecimento. A mãe do menino morto, passados alguns dias, convidou-me para visitá-la. Ela queria agradecer-me, publicamente, com uma nota no jornal. Não deixei. Pedi que fizesse um agradecimento no geral. Foi o que ela fez.

Atualidade. As relações, com o vizinho, de profissão pedreiro, com o passar do tempo, foram amenizadas, convivendo-se pacificamente. Inclusive, ele construiu um prédio, ao lado, igual ao do meu irmão: quatro pisos e no mesmo formato.

II. OS DOCUMENTOS E REPORTAGENS DA ÉPOCA

Reportagem. Na sequência, observam-se fotos da reportagem por ocasião do resgate.

FIGURA 1



Figura 1. Foto (capa) do Jornal Pioneiro, grupo RBS, do dia 06.08.1999. Mostra, na maca, o vizinho recém-íçado do despenhadeiro. À esquerda, frente (vestindo um boné), este autor. Logo atrás, segurando a maca, meu irmão. Três personagens do enredo.

FIGURA 2



Figura 2. Foto e reportagem do Jornal de Nova Petrópolis, Ano VII, N. 403, de 09.07.1999, transportando uma das vítimas.

FIGURA 3

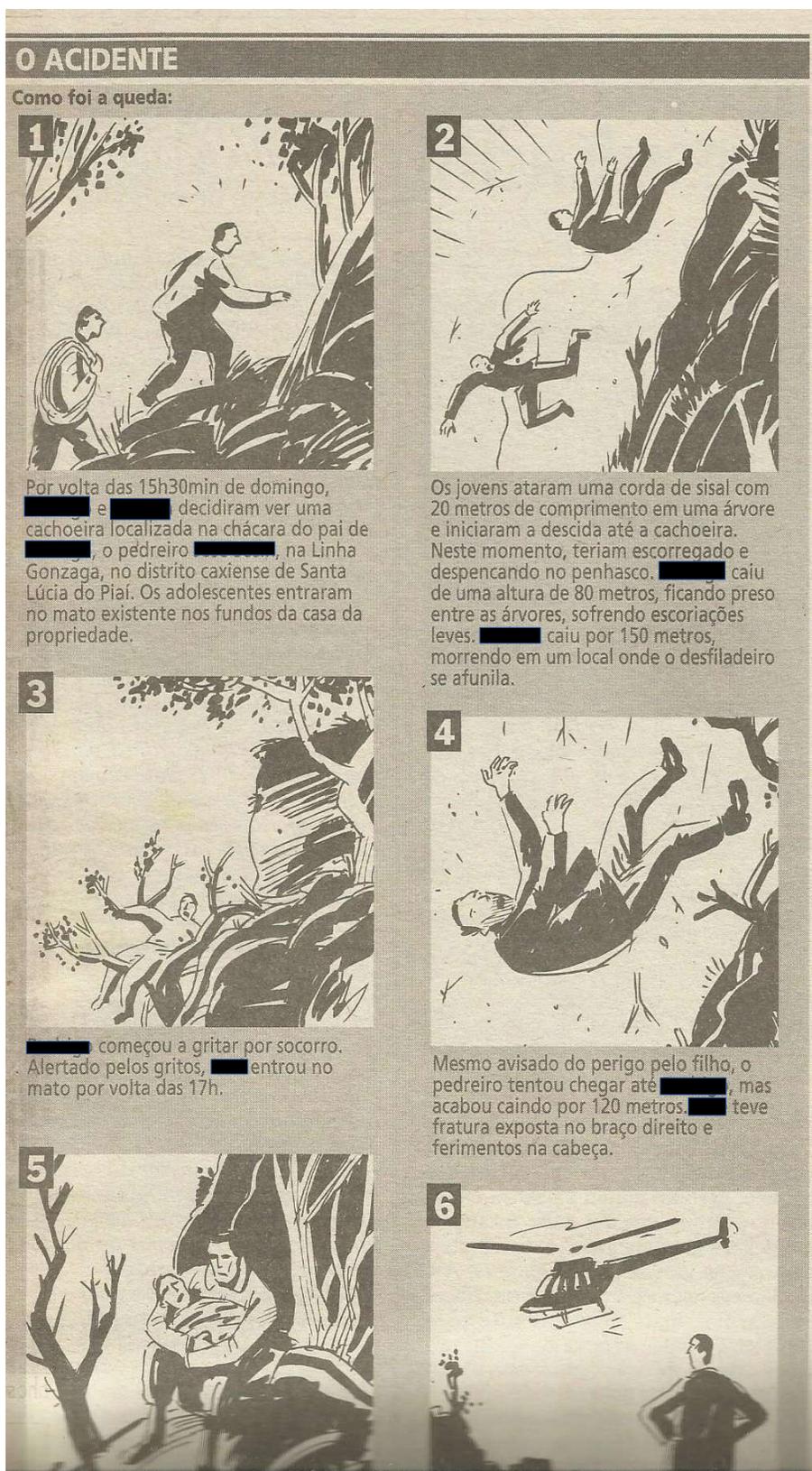


Figura 3. Ilustração do Jornal Zero hora do dia 06.07.1999, p. 5, demonstrando a queda, no precipício.

III. RELATO DO IRMÃO E AS RELAÇÕES GRUPOCÁRMICAS

Profissão. Meu irmão é médico. Também é mestre em Naturopatia Clínica Científica, empresário na indústria eletromecânica (aposentado), autodidata em engenharia eletrônica, inventor, com Direito e Enfermagem incompletos. É um líder natural e um tanto autoritário.

Parafenômeno. Antes do fatídico acidente, no início de 1998, por ocasião da construção de um prédio, com quatro andares, no terreno em que havíamos construído a primeira casa, em Caxias do Sul-RS, meu irmão, intrigado com o parafenômeno vivenciado, relatou-me uma possível retrovida, rememorada em uma projeção:

Nessa retrovida, provavelmente no Século XVII, em um país europeu, uma irmã (provavelmente também irmã nesta vida) foi sequestrada pelo então João, acompanhado de outros comparsas. Ao buscar o resgate, pedi o seu auxílio (que nessa ocasião também exercia função de policial ou alguém com alguma autoridade nesse campo de atuação). Nesse evento, você foi morto. Ao te ver morto apossei-me da sua arma (uma pistola de dois canos) e matei o João e outros sequestradores, resgatando a irmã que, a meu ver, não era tão inocente assim, pois existia concordância naquele sequestro ou rapto.

Experiência. O parafenômeno vivenciado pelo meu irmão ocorreu 1 ano antes do acidente. E quando mencionou, comentou ou discorreu para mim sobre esse relato pareceu-me ser peça-chave para explicar o antagonismo observado entre as famílias.

Irmão. A implicância do meu irmão com o vizinho João envolvia pequenas provocações, como por exemplo, perturbações com barulho e carro na frente da garagem. Por outro lado, meu pai se envolveu em namoros com parentes do vizinho e brigas corporais.

Irmã. Minha irmã, pivô da retrovida, comprou um terreno. Curiosamente, embora em ruas diferentes, os três terrenos: do meu irmão, do vizinho e da minha irmã, se cruzam aos fundos. Ela, por sua vez, tinha um relacionamento amigável com o vizinho, inclusive, ele foi o construtor da casa onde vive até os dias de hoje. Um diagnóstico na visão deste autor é a existência de uma disputa, embora camuflada, de liderança, dentro da família nuclear por parte da irmã.

Família. Havia um pensamento comum entre nós na família que era: *não tinha outro lugar para essa família do João se meter?* Essa forma de pensar era decorrente do incômodo e frustração gerado por essa vizinhança. No entanto, após a experiência retrocognitiva de meu irmão essa convivência difícil ficou muito mais clara, pelo menos para nós dois.

Hipótese. A hipótese proposta neste relato é o *crescendo interprisão-vitimização-recomposição*.

IV. VITIMIZAÇÕES OBSERVADAS NA FAMÍLIA

Elencologia. A partir da retrocognição, somente alguns membros da família foram identificados, no entanto é possível existirem outros envolvidos no contexto da interprisão. Eis, por exemplo, 4 casos de vitimização, em ordem cronológica, observados na família, que podem estar vinculados ou não ao caso exposto:

1. **Queda.** A filha, de Giovanni e Emília (tia-avó), dessorada quando criança devido a uma queda da escada do sobrado onde moravam, na qual quebrou o braço na altura do ombro. Medicada pelo próprio pai, não resistiu devido a falta de assistência médica. Curiosamente, esse sobrado feito de pedras irregulares ainda existe e encontrei-o em minhas pesquisas.

2. **Acidente.** Em seguida, o bisavô Giovanni sofre um acidente, provocando um ferimento no pé que infecciona. Desloca-se a Porto Alegre e desmora na Santa Casa. A família fica sabendo somente um mês após sua morte.

3. **Depressão.** A bisavó Emília entra em depressão devido aos fatos, contas a receber, a pagar e longe da Itália, também vem a desmora em Porto Alegre, na Santa Casa.

4. **Gripe.** O filho mais velho de meu bisavô Giovanni, também de nome Giovanni, então com 17 anos, casa-se com sua linda noiva e assume a direção da casa e dos irmãos. Único que seguiu a profissão do pai. Por ocasião da gripe espanhola, também veio a desmora naqueles anos.

V. POSSÍVEIS EVIDÊNCIAS DOS CÚMPLICES DE DESTINO

Cúmplices. Outra abordagem a ser desvendada nesta pesquisa é a identificação dos cúmplices de destino da retrovida rememorada pelo meu irmão. Eis 5 exemplos, em ordem aleatória, de conjuntos de indícios a serem aprofundados:

1. **Irmã.** Minha irmã mais velha, pivô da suposta retrovida rememorada por meu irmão, tem uma semelhança física com a bisavó Emília. Inclusive, meu avô gostava muito dela, pois via muita semelhança com a sua mãe. Há uma forte intuição que minha irmã seja a bisavó ressomada, pois, além da aparência física, possui o temperamento de “mandona” em suas relações pessoais.

2. **Bisavô.** Meu bisavô Giovanni, pela única foto que possuo, tem uma aparência física semelhante à do vizinho João. Poderia haver alguma relação mais direta entre as duas consciências?

3. **Este autor.** Este autor estava na mesma área de trabalho na retrovida, ou algo similar à vida atual, possuindo na época alguma autoridade. E, segundo relato do meu irmão, estava para solucionar um conflito, não para eliminar opositores. Fato que se repetiu, de outra forma, na situação do resgate de pessoas aqui mencionado.

4. **Meu pai.** Meu pai continuou colaborando com as divergências entre as famílias nesta atual vida. Até o momento, não foi possível levantar hipótese a respeito do nível de sua participação na retrovida em que teria havido o sequestro da irmã.

5. **Meu irmão.** Meu irmão, após perambular no mundo empresarial, que de certa maneira pode favorecer os atos belicosos, foi para a área da medicina para salvar e não mais tirar vidas.

Dessomado. Sobre o garoto dessomado no acidente, sem dúvida uma vítima, não foi obtida, nas pesquisas realizadas, evidência que pudesse explicar tal ocorrência ligada às duas famílias. No entanto, cabe o questionamento: *Teria essa consciência participado de alguma maneira dos eventos rememorados?* Possivelmente essa resposta será obtida na próxima intermissão.

Hipótese. Outra hipótese a ser considerada é que os cúmplices de destino podem ser de épocas diferentes, e com grupos diferentes, mas que nas encruzilhadas da *seriéxis* se reencontram. Assim, acaba ocorrendo uma sobreposição de interposições, vitimizações e recomposições.

VI. ANÁLISE DOS FATOS GRUPOCÁRMICOS

Lei. O primeiro item estudado com base neste registro é a lei da afinidade, nesse caso com evidente atração entre famílias com seus determinados componentes com algum nível de rechaço interpessoal.

Rivais. Nesta vida, nota-se maior comprometimento em termos de rivalidade do meu irmão mais velho com o vizinho João. Por hipótese, esse reencontro tem desavenças não solucionadas em retrovidas. No entanto, a ocorrência na qual meu irmão o ajuda mostra diferentes formas de recomposição.

Sítio. A compra do sítio para ajudar o vizinho e acalmar os ânimos foi feita por mim, a possível vítima na retrovida memorada. Saber essa experiência, auxiliou na tomada das decisões mais lúcidas para ajudar a desatar os nós da interprisão existente entre os envolvidos.

Reconciliação. No dia do acidente, por ocasião do deslocamento da cidade de Caxias do Sul até o local, em conversa com o meu irmão, comentamos que tal fato poderia ser um ajuste de contas, ou seja, uma oportunidade de reconciliação de erros do passado. Não poderíamos deixar a oportunidade passar “em branco”, tomando uma atitude de assistência, sem nenhuma cobrança posterior, inclusive de achar um culpado. Toda a ajuda, no caso, deveria ser da melhor forma possível, sem esperar retorno ou agradecimento.

Análise. Segundo Vieira (2014, p. 1.314), “quando é grupo, temos sempre de nos localizar no conjunto de consciências. Não fomos colocados ali por acaso. No grupo evolutivo tem parte baixa, mediana e superior. A nossa tendência, ou de quem fez o Curso Intermisso (CI) pré-ressomático, é de ficar do nível evolutivo mediano para cima. É a análise matemática que realmente corresponde à realidade. Um único ato estigmatizante pode exigir muitas outras ações e, em certas injunções, durante séculos e até milênios. Você tem de desestigmatizar através de bons atos. Um ato bom pode equivaler por outros 50 que não prestaram. Mas 50 que não prestaram, podem requerer 500 outros atos interativos ou confluentes de rearrumação e profilaxia. Assim vai se configurando a lei da restauração evolutiva (Holocarmologia)”.

Grupocarma. Os níveis de interprisão, vitimização e recomposição são variados para cada um dos membros estudados neste relato. Eis, por exemplo, na ordem de análise dos fatos, 6 hipóteses envolvendo as duas famílias:

1. **Meu pai:** ainda na interprisão em função da necessidade de precisarmos conter os seus ímpetos belicistas contra o vizinho.

2. **Meu irmão:** começo da recomposição, pois teria tirado a vida de uma personalidade e, provavelmente, ainda o reencontrará, possivelmente não com o mesmo nível de rechaço. Atualmente, além da profissão assistencial é pai de 2 filhos.

3. **Este autor:** busquei agir tal qual amparador intrafísico, em todos os atos, envolvendo essas relações.

4. **Minha irmã:** segue a vida que sonhou, tendo construído uma bela família. Após anos na condição de professora, cuidados dedicados aos seus filhos e marido, ainda mantém uma pequena implicância com o irmão mais velho, embora camuflada.

5. **Nós 3:** o relacionamento entre nós é ótimo e a hipótese é de que estamos na recomposição, passando quem sabe para a fase da libertação.

6. **Vizinho João:** a recomposição é notória. Após o acidente, muito embora ainda tenha persistido certa animosidade devido à venda do sítio e acertos desse negócio, passaram a ter um relacionamento amigável, inclusive, o vizinho entrou para uma igreja evangélica. Atualmente, o seu humor melhorou e existe melhor convivência entre todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hipótese. Há uma hipótese clara de evolução consciencial, dentro do polinômio “interprisão-vitimização-recomposição-libertação-policarmalidade”. Provavelmente, a casuística situa-se dentro da “recomposição grupocármica”, ou uma oportunidade única dessa recomposição.

Tempo. Nesta vivência ficou muito evidente o funcionamento da lei da causa e efeito e o quanto os envolvidos na retrocognição reencontraram-se e precisaram resolver suas questões pendentes.

Esquecimento. A cada ressonância, o esquecimento ou a “nuvem do esquecimento”, contorna a maioria das consciências para que assim ocorram as recomposições. Os cons recuperados por meio da retrocognição foram fundamentais na solucionática do caso.

Seriéxis. O caminho da evolução é a série de vidas, incontáveis, neste planeta ou em outros. Somos “imatáveis e imorríveis”, como dizia o professor Waldo Vieira. O que não podemos é descartar as possibilidades de fazermos os ajustes necessários, atalhando os caminhos da evolução consciencial.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. **Fernandes, Pedro; *Seriexologia: Evolução Multiexistencial Lúcida***; revisores Dayane Rossa; *et al.*; 1.020 p.; 11 seções; 143 caps.; 163 definições; 610 enus.; 2 escalas; 3 esquemas; 66 fichários; 1 fórmula; 1 foto; 134 frases enfáticas; glos. 300 termos; 4 ilus.; 190 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 10 perguntas e 10 respostas; 1 pontuação; 225 questionamentos; 8 questionários; 3 tabelas; 17 notas; 6 filmografias; 160 refs.; 106 verbetes; 5 *webgrafias*; 7 índices; alf.; geo.; ono.; 29 x 22,5 x 6 cm.; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2021; página 155.

2. **Jornal de Nova Petrópolis**; Redação; *Tragédia durante passeio em sítio da Santa Lúcia*; Jornal; Semanário; Ano VII; N. 403; Nova Petrópolis, RS; 09.07.1999; primeira página (manchete).

3. **Pioneiro**; Redação; *Aventura e morte em penhasco*; Jornal; Diário; Caxias do Sul, RS; 06.07.1999; primeira página (manchete).

4. **Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia**; 1.058 p.; 40 seções; 100 subseções; 700 caps.; 147 abrevs.; 1 cronologia; 100 datas; 1 *E-mail*; 600 enus.; 272 estrangeirismos; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm.; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; página 626.

5. **Idem; Dicionário de Argumentos da Conscienciologia**; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 *blog*; 21 *E-mails*; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 18 fotos; glos. 650 termos; 19 *websites*; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm.; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014A; páginas 1.102 e 1.314.

6. **Idem; Léxico de Ortopensatas**; revisores Equipe de Revisores do Holociclo, CEAEC & EDITARES; 2 Vols.; 1.800 p.; Vols. I e II; 1 *blog*; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 6.476 termos; 1.811 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 20.800 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 10 cm.; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014; página 914.

7. **Zero Hora**; Redação; *O acidente: como foi a queda*; Jornal; Diário; Porto Alegre, RS; 06.07.1999; página 5.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. **Frosi, Vitalina Maria; & Mioranza, Ciro; Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**; epíl. 1; int. 1; revisora 1; 13 refs.; 21 x 14 cm; br.; Movimento; Porto Alegre, RS; 1975.

